



Batidas Intensas – Corpo e Sociabilidade nas Festas de Música Eletrônica¹

Thiago Tavares das NEVES²
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

O significado do corpo nas festas de música eletrônica como um signo comunicante e sociabilizante entre os participantes é o foco deste trabalho. O suporte empírico é a pesquisa de mestrado desenvolvida na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que investiga como a sociabilidade acontece em *raves* e em casas noturnas na cidade de Natal/RN. O corpo carrega durante sua existência características do universo físico, biológico, social e cultural. Ponto de interseção entre a natureza e a cultura, é mídia primária. Funciona como a sede das emoções e da sociabilidade, pois, é por meio dele que as relações sociais se efetuam.

PALAVRAS-CHAVE: corpo; sociabilidade; *raves*; emoções.

TEXTO DO TRABALHO

Todo ser vivo é bombardeado de informações vindas do espaço que o cerca. O homem pode ser compreendido não só como receptor das informações provenientes do meio, mas também como uma rede de comunicação que emite e recebe sinais, signos e símbolos do ambiente. O corpo, nesse contexto, é considerado como emissor e receptor de informações, ele é a mídia primária, a primeira forma de comunicação do sujeito com o meio. Composto por uma pluralidade de células, o corpo desenvolve uma diversidade de reações químicas, físicas e biológicas. Por meio dele, o indivíduo se expressa, habita o mundo, constrói suas relações em sociedade e planta sua raiz no solo da cultura, permeando sua existência de expressões simbólicas como a música, a dança, a pintura, arquitetadas no caminho da vida.

O homem simboliza sua existência ao tecer laços com o outro, criar vínculos em sua rede social e trazer em sua matéria/espírito todas as experiências culturais que compõem sua história como ser bioantropossocial. A experiência do corpo no mundo - sua corporeidade – permite que o sujeito interaja com o seu meio e com o corpo dos outros, se torne uma consciência, na medida em que se comunica e vivencia a experiência de ser no mundo. De acordo com David Le Breton é necessário: “compreender a corporeidade enquanto estrutura simbólica e, assim, destacar as representações, os

¹ Trabalho apresentado no NP Comunicação e Culturas Urbanas do VII Encontro do Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Curso de Ciências Sociais da UFRN e estudante da Graduação 7º semestre do curso de Jornalismo da UFRN, e-mail: nevesthiago1@hotmail.com



imaginários, os desempenhos, os limites que aparecem como infinitamente variáveis conforme a sociedade.” (LE BRETON, 29: 2006).

As ações da vida cotidiana, desde o ato de comer, praticar exercícios, participar de jogos, ritos religiosos, festas, são mediadas pela corporeidade humana, que traz consigo representações do universo social, cultural e biológico do sujeito. Do corpo nascem e se multiplicam as significações que permeiam o universo semântico do ser no momento em que esse mesmo ser produz significados no corpo e na interação com os outros.

A sociedade cumpre também o papel de modular a existência corpórea. Ela impregna no corpo suas regras, seus ensinamentos, suas maneiras de agir e de comportar-se em determinado grupo. É preciso visualizar esse corpo como um produtor/resultado das práticas culturais e sociais, não apenas como um amontoado de órgãos e de reações químicas; mas também como um organismo simbólico, capaz de unir as mais variadas formas culturais. A cultura vai desempenhar um papel importante na construção que o corpo faz de si no mundo.

A cultura é compreendida nesse estudo como um capital propriamente social. Ela é considerada como um *Genos* (organização genética) sociológico que registra e programa no espírito do ser humano um duplo capital de ordem cognitiva e técnica (práticas, saberes, *savoir-faire*, regras); por outro lado, um capital mitológico e ritual (crenças, normas, interdições, valores). Pode-se dizer que a cultura é um capital de memória e organização, como é o patrimônio genético para o sujeito. Traçando um paralelo com o gene, a cultura possui como o patrimônio genético uma linguagem própria bem diversificada, que permite a rememoração, comunicação, transmissão desse capital de indivíduo a indivíduo e de geração a geração. (MORIN, 2005).

É como se cada ser humano carregasse no seu espírito um DNA que possuísse todas as informações simbólicas e materiais constituintes para sua formação como *homo sapiens demens*. O *Genos* social interfere diretamente na biologia humana na medida em que impõe ao *Genos* biológico as suas normas, regras, imposições, interditos. A cultura vai funcionar como um patrimônio organizador, repleta de porosidades e interfaces, que cresce em direção rumo ao universal humano.

Apesar de viver em uma sociedade letrada, o homem contemporâneo traz no seu DNA social um universo simbólico recheado de aspectos remanescentes de antigas tribos pré-históricas. O indivíduo exterioriza seu interior de diversas formas e em práticas diferenciadas: a pintura, a música, a dança, o jogo e as festas são expressões culturais que até hoje permeiam o universo semântico dos sujeitos. Tais práticas permitem que a



sociedade humana se autoproduza, se autoperpetue e se autoregenere, possibilitando a ela, ao mesmo tempo, que se estabilize e se metamorfoseie. Essas práticas conservam traços de comunidades arcaicas e se transformam em expressões culturais da contemporaneidade com um novo véu simbólico, porém conservando sua matriz pré-histórica. As festas de música eletrônica podem ser consideradas como uma expressão cultural da época atual, trazendo características de raízes antigas e das novas tecnologias.

O arcaico se funde ao tecnológico. Os signos que habitam as interzonas entre o antigo e o moderno comunicam-se. A parede das cavernas, onde o homem neolítico criava seus desenhos, tornou-se a tela do computador; os tambores que provocavam batidas nos rituais xamânicos, foram substituídos pelos sintetizadores; as plantas usadas como mecanismos de busca do êxtase, tornaram-se pílulas do amor conhecidas como *ecstasy*³. O cenário dessas festas pode ter mudado, porém o espírito, a energia, os objetivos continuam os mesmos: aproximar os sujeitos colocando-os em um estado de efervescência coletiva, estreitar os laços e plantar as bases do solo societal. É o *Genos* social espalhando suas raízes na sociedade. Um *Genos* com linhagens históricas.

Raves: um pouco de história

A história das *raves* começa aproximadamente três décadas depois do nascimento da música eletrônica, em meados da década de 1980 em Ibiza (ilha no Mediterrâneo). Frequentavam-na jovens viajantes vindos de toda parte da Europa, com o intuito de se conhecerem e dividir experiências prazerosas em nome da música. As festas que aconteciam neste paraíso perdido foram importadas para a Inglaterra e lá encontram terra fértil para seu crescimento e divulgação. Depois do solo britânico, a semente do movimento foi se espalhando pelo terreno europeu, incluindo a Alemanha, Holanda, Bélgica, França e outros países.

A história dessas comemorações eletrônicas está bem conectada com o surgimento do *house/garage* (estilo de música eletrônica associado à era disco dos anos 1970 com um público de prevalência homossexual de raça negra) nos Estados Unidos, em específico nos estados de Dallas e Chicago. Logo em seguida, o *techno* (ritmo eletrônico mais sincopado de batidas intensas) explodiu em Detroit. Era o alvorecer da cena.

³ Criado em um laboratório em 1913, a droga foi usada em teste durante a segunda guerra com os soldados norte-americanos e somente em 1984 ela invadiu a cena eletrônica no estado do Texas, proliferando-se por toda Europa e hoje em dia no mundo inteiro.



As *raves* foram segmentadas desde esse período em dois tipos: de um lado, havia as que buscavam resgatar elementos da religião hindu, associados a um tipo de música eletrônica intitulada *psytrance* ou *trance psicodélico*⁴, providas de uma espécie de “novo psicodelismo”, ligado ao movimento *hippie* dos anos 60, em conjunto com a era cibernética. Geralmente elas acontecem em lugares abertos: praias, sítios, granjas, com o intuito de destacar o contato com a natureza, uma verdadeira comunhão e sua ligação com a Gaia (terra), o cosmos. Por outro lado, têm-se as *raves* que aconteciam em locais fechados: edifícios abandonados, galpões isolados, onde o estilo mais tocado é o *techno*, composto por pessoas ligadas a moda *clubber*⁵. O corpo, nas festas de música eletrônica, irá desempenhar uma função importante, ele permitirá a interação entre os indivíduos que ali se encontram.

Corpo e sociabilidade nas celebrações eletrônicas

Um elemento significante dessas festas é a interação social que se estabelece nesses eventos, onde os dançantes desenvolvem relações comunicativas por meio de uma linguagem predominantemente não-verbal, seja por meio da dança, da música ou de outras possibilidades interativas. Forma-se uma espécie de sintonia, um vínculo social é constituído entre todos que ali estão reunidos, tendo como um dos objetivos, a busca de um prazer comum, de uma energia coletiva.

Nas *raves*, a interação entre os indivíduos é constituída também pelo gosto em comum, pela vestimenta usada, pela postura que adotam nesses ambientes e pelo motivo de estarem em determinado local dançando horas a fio, com uma finalidade conjuntural, formando, de certa maneira, relações de convívio que espelham a sociedade contemporânea. É importante destacar o conceito de sociabilidade desenvolvido nesse estudo, que está inserido no contexto de interação, para depois fazer uma conexão com as festas de música eletrônica.

⁴ O *psy trance*, mais popularmente conhecido como simplesmente “*psy*”, é uma espécie de atualização ou releitura do *goa trance*. O *goa trance* surgiu nas praias de Goa, na Índia. Vários viajantes, vindos da Europa, em busca de tranqüilidade espiritual, viram naquele local o que procuravam. Havia muitas festas em Goa no início da década de 80, onde era tocado muito *rock* e *reggae*. Já no final da década de 80, o *dj* Goa Gil, vindo da Califórnia, se tornou uma espécie de referência na cena, tendo inventado o *goa trance*, misturando música eletrônica, espiritualidade, yoga. Os viajantes, na maioria das vezes, voltavam para Europa e divulgavam o estilo em seus países de origem, atraindo cada vez mais curiosos para Goa. No *goa trance*, foram adicionados à música eletrônica elementos melódicos de uma sonoridade indiana. Um dos precursores do *trance* psicodélico foi Johann Bley que costumava levar computadores para lá e produzir músicas sintetizadas com o aparato eletrônico.

⁵ *Clubber* é um termo em inglês, atribuído a pessoas que freqüentam danceterias (os *clubs* em inglês), comuns nos anos 90. Ajudou a erguer o estilo *techno* ao circuito comercial, e a cultura noturna pelas grandes metrópoles. Os *clubbers* se vestem de maneira extravagante: blusas, calças e tênis coloridos, maquiagens que brilham no escuro, estrelinhas, glitter, sombras cintilantes. Em geral eles têm como ponto de encontro os clubes, as *raves*.



Para Georg Simmel, as relações sociais estabelecem-se na atuação com o outro, provocando efeitos sobre os sujeitos, formando uma integração entre eles movida por seus impulsos e finalidades, uma “sociedade”. Ele considera a sociedade como um processo de interação entre os sujeitos e comporta uma distinção entre forma e conteúdo. A forma está ligada ao processo de interação entre os indivíduos; seja por aproximação, seja pelo distanciamento, seja pela competição, seja pela subordinação, etc. Já o conteúdo, está relacionado a tudo aquilo que preenche as formas sociais, que existe nos indivíduos (instintos, interesses, motivações, desejos) e nos lugares concretos de toda realidade histórica de modo a engendrar ou mediatizar os efeitos sobre os outros, ou a receber esses efeitos dos outros. Os conteúdos isolados não possuem caráter social. A sociedade significa que os indivíduos estão constantemente ligados uns aos outros, influenciando e sendo influenciados, e também algo funcional que os indivíduos fazem e sofrem simultaneamente: a sociação. (SIMMEL, 2006).

A sociação é a forma pela qual os indivíduos constituem uma unidade para satisfazerem seus interesses, sendo forma e conteúdo, na experiência concreta, elementos indissociáveis. Forma e conteúdo não são colados ou conectados para sempre. Formas, que serviram para satisfazer certas necessidades, podem ganhar autonomia. Toda sociação possui um sentimento entre seus membros de “estarem sociados”. Esse sentimento ganha uma forma independente na sociabilidade, que é uma forma autônoma de sociação.

Na sociabilidade, a forma separa-se do conteúdo e ganha independência apenas como forma de convivência com o outro e para o outro. O fim é a própria relação. Um exemplo disso é uma conversa despreocupada entre indivíduos, em que os participantes que se encontram naquela reunião social conversam por conversar, onde o conteúdo objetivo (motivos, interesses) de uma conversa com fins estabelecidos é isolado. As significações objetivas inerentes a personalidade de cada um não entram no mar da sociabilidade, significações que têm seu centro fora do círculo de ação; riqueza, posição social, erudição, fama, capacidades excepcionais e méritos individuais não desempenham qualquer função na sociabilidade. O que é levado em consideração é a pura forma. Georg Simmel considera a sociabilidade como um exemplo de “sociologia pura ou formal” inserida no contexto de sociação. Na sociabilidade o que importa é a satisfação do instante vivido. O “estar-juntos”, que faz parte de toda forma de interação, ganha autonomia como forma de vida na sociabilidade. (SIMMEL, 2006).



Um dos aspectos importantes da sociabilidade é sua face totalmente voltada para o universo lúdico. Ela é considerada por Georg Simmel como uma forma lúdica de socialização. A democracia da sociabilidade provoca o nascimento de um “jogo de cena”, em que é criado um mundo sociologicamente ideal: nela, a alegria do indivíduo está totalmente relacionada à felicidade dos outros. Não pode haver satisfação do sujeito à custa de sentimentos de outrem totalmente contrários aos seus. (SIMMEL, 2006).

O domínio da esfera lúdica na sociabilidade faz toda a diferença. O jogo vai surgir como algo anterior à cultura. Previamente à sociedade humana, os animais já praticavam tal atividade antes dos homens. Ele sobrevoa e aterrissa sobre as esferas do direito, da guerra, dos mitos, dos ritos, da filosofia, da música, da dança, da poesia dentre outros; sendo um elemento fomentador da cultura, decorando a vida de subjetividades momentâneas. (HUIZINGA, 2005). Por ser uma atividade despreziosa, situada fora da sensatez da vida prática/objetiva, é no campo da sociabilidade que o jogo encontra um dos seus lugares. Por meio dele, os indivíduos desenvolvem conjuntamente relações sociais, impessoais, em que o instante é eternizado pelo compartilhamento de emoções vividas no presente, no qual a brincadeira, a conversa despreziosa, a coqueteria, as *raves* representam exemplos de manifestações de sociabilidade.

Nesse contexto, faz-se necessário ressaltar a relevância da música e da dança na atividade lúdica presentes nas festas de música eletrônica, funcionando como mecanismos de sociabilidade entre os sujeitos deste local hedonista. A música é a atividade mais alta e mais pura do universo lúdico. Assim como o jogo ela assenta na concordância voluntária e no rigoroso emprego de regras convencionais: ritmo, tonalidade, melodia e harmonia. (HUIZINGA, 2005).

Para Georg Simmel, a música surge dos sentimentos. Segundo ele, uma das maneiras de exteriorizar os afetos e paixões interiores é por meio da música. A música gera relações com os outros e é por meio dela que se desnudam os sentimentos internos do corpo, sendo considerada uma expressão das mais variadas sensações anímicas – sejam fúrias, alegrias ou sensações místicas -, sempre que estas são intensas, enérgicas e apaixonadas. A música vai cumprir o papel de trazer ânimo à vida, porque os ânimos trouxeram a música à vida. O ser humano desenvolverá uma relação fisiológica do seu corpo com a música, na medida em que o ritmo elevado das batidas do coração influi sobre a exteriorização musical, então por meio da relação fisiológica, pode-se inferir, por associação e reprodução psíquica, que o ritmo musical excita o ritmo do coração no



ouvinte. (SIMMEL, 2003). Em ocasiões de efervescências festivas, a música transporta o indivíduo a uma condição originária, aquela próxima do estado natural, em que a canção produz contágios. Pode-se visualizar, dessa maneira, a semelhança entre a música eletrônica, em especial, presente nas *raves* e a atmosfera lúdica, pois em tais festas ela atua como um elemento associado ao jogo e fomentador da união entre os presentes. Há, então, uma fraternização entre os indivíduos de seus sentimentos, constituindo-se em um retrato de uma manifestação de sociabilidade contemporânea. As festas de música eletrônica seriam apenas um recorte de uma das maneiras de manifestação de sociabilidade entre os indivíduos.

No âmbito da dança, a sociabilidade e conseqüentemente o jogo operam como atores principais. Dançar é “uma parte integrante do jogo, onde existe uma relação de participação direta, quase de identidade essencial. A dança é uma forma especial e especialmente perfeita do próprio jogo” (HUIZINGA, 2005:184). Ela está ligada à música, pois seus movimentos estão relacionados com o ritmo, com a melodia, agindo como se elas estivessem imbricadas uma na outra.

A dança desenha um simbolismo corporal no espaço, podendo, a partir daí, desvendar inúmeros significados dessa prática. O movimento emitido por um indivíduo numa pista de dança parece entrar em consonância com o dos outros, obedecendo a uma coerência corpórea dentro de um contexto de interação. Inserido nesse simbolismo social, em que cada signo emitido pela dança possui um significado dentro de um determinado contexto social e cultural, cada indivíduo oferece sua contribuição por meio dos signos emitidos durante a dança. A dança evoca por meio do seu simbolismo um sentimento que reforça as estruturas da sociedade no momento em que ela traz ordem à sociedade ao regular o comportamento social. A dança atua como uma válvula de escape, que libera as tensões, as preocupações e as ansiedades provenientes da época capitalista, em que a objetividade e o imediatismo das relações humanas posicionam o sujeito numa condição de coisa. O ato de dançar permite uma liberação dos impulsos libidinosos e possibilita uma representação artística da emoção em condição performativa.

Ao dançar nas celebrações movidas à música eletrônica, os indivíduos exercem seus movimentos em conjunto com os outros, desenvolvendo uma interação nata, uma escuta que é ouvida não somente pela audição, mas pelo corpo inteiro. Tal interação, mediada pelo corpo durante a dança, é desprovida de interesses objetivos e navega no mar da subjetividade rítmica, deixando sua tatuagem na sociedade atual. A dança coletiva nas *raves* condiciona a estruturação social.



A festa, em um sentido mais abrangente, também carrega em si sua face lúdica. Ela estrutura o tecido orgânico da vida. Por trazer em si o universo da dança, da música, e, em alguns casos, representações acompanhadas de competições sagradas, o jogo estabelece uma estreita semelhança com a festa, desenvolvendo conseqüentemente relações de sociabilidade entre os participantes da celebração. Nas *raves*, há uma predominância do sentimento de alegria, comunhão, de religação com o mundo, harmonia do eu. O tempo e o espaço são limitados em ambos os casos, porém ocorre uma extensão do tempo vivido naquele intervalo de momento limitado.

Nas festas de música eletrônica, o espírito da sociabilidade fica muito claro dentro da interação social. Essa interação é desenvolvida dentro das relações de proxemia, em que a distância entre um participante e outro adquire significação. As atitudes corporais nesse espaço aumentam e diminuem o acesso ao outro. A troca de olhares, a relação com o cheiro, a dúvida entre tocar ou não o corpo do outro e a distância da interação apresentam variações importantes consoante o grau de familiaridade unindo os indivíduos e o caráter íntimo ou público do intercâmbio. (LE BRETON, 2009). Há uma energia grupal que une os indivíduos, em que, a maioria dos aqui ali se encontram, dançam em sintonia, em conjunto, tendo como um dos interesses daquele momento de efusão coletiva a busca do prazer extático. As vibrações e os sentimentos negativos são apaziguados, os participantes abrem seu coração para a música, se entregam de corpo e alma à celebração. Os cinco sentidos parecem ocupar uma função importante nas festas de música eletrônica, principalmente a visão e o tato.

Uma das maneiras de reconhecimento do outro é por meio do olhar. O olhar de um indivíduo sobre o outro é sempre uma experiência afetiva. Dotado de sua face de emoção, ele também produz conseqüências físicas: a respiração acelera, o coração bate mais rápido, a pressão arterial eleva-se e a tensão psicológica aumenta. Os olhos do outro tocam metonimicamente o rosto e atingem o sujeito no seu todo. O olhar transmite diversos significados: traição, medo, alegria, fúria, paixão. Ele comunica e facilita o desenrolar da interação ao traduzir gestos e expressões do outro. É uma troca emocional de autorreconhecimento. Juntamente com o tato, o olhar legitima a presença do outro no mundo e possibilita, em alguns momentos, a germinação de um vínculo social, de um elo entre aqueles que trocam olhares. (LE BRETON, 2009). Nas festas de música eletrônica, a visão além de possibilitar o crescimento de uma sociabilidade entre os participantes, parece adquirir características sinestésicas. A iluminação do local, geralmente composta por uma pluralidade de cores fluorescentes e lasers parece tocar o



corpo inteiro. A pupila fica dilatada, por isso o uso de óculos escuros nestas festas. O encontro de olhares nas *raves* provoca o nascimento de uma sociabilidade, no momento em que, os dançantes, ao trocar olhares, se enxergam no outro e se reconhecem no outro. Pode-se falar de um processo de identificação que facilita a interação social. O tato encontra seu lugar nesse contexto de sociabilidade hedonista.

A pele, elo entre o sujeito e o mundo, exerce sua devida importância na sociedade, uma vez que segundo Georg Simmel ela leva à auto-regulação do indivíduo em sua relação com os outros, onde os interesses egoístas, externo ou imediato não assumem a função reguladora. A ação específica do tato marca os limites para os impulsos individuais, para a ênfase no eu e para as ambições espirituais e externas, sendo talvez a ação específica que ampare a legitimidade do outro. (SIMMEL, 2006). A estimulação cutânea é uma necessidade biológica, comportamental, social e cultural. O corpo funciona como uma sede de sociabilidade, já que é por meio dele que as relações sociais se efetuam, tendo o tato, a fala e a visão como aliados no desenvolvimento das atividades interativas.

O corpo nas festas de música eletrônica, incluindo *raves* e danceterias, é o protagonista do cenário eletrônico. O bumbo eletrônico transpassa cada tecido ou órgão desse organismo, não há como não se movimentar. A melodia, o famoso “bate-estaca” induz aos movimentos do corpo, para os apreciadores. As pancadas eletrônicas massageiam cada célula do corpo e fazem a pista estourar em energia, formando uma estrutura pulsante, que sintoniza as batidas cardíacas com a música. Pode-se falar de uma exacerbação do corpo. Para o antropólogo Massimo Canevacci:

“A epiderme sexuada escorre na pele que difunde a carne, na corrente de música eletrônica que movimenta os corpos ao longo da pintura descascada de uma ex-fábrica que muda por um dia inteiro sua identidade e viaja na margem alterada de uma *rave*. A música é pele sexuada.” (CANEVACCI, 2005:53).

Por meio do corpo, os jovens exercem sua corporeidade dançando, comunicando-se com o outro e mostrando sua forma física, geralmente muito bem delineada pelas academias e clínicas de cirurgias plásticas e de estéticas (resultado de uma sociedade essencialmente narcísica). Os gestos compartilhados entre os dançantes contribuem de forma significativa no desenvolvimento da sociabilidade. O ritual social da comunicação envolve os movimentos do corpo e do rosto, desde um piscar de olhos, um beijo, um abraço a um aperto de mão cooperam para que aconteça, na maioria das



vezes, uma abertura ao outro. O corpo e sua linguagem gestual serão lidos e interpretados pelos participantes. A afirmação e o reconhecimento por parte do outro permitem a ampliação de uma sociabilidade construída no compartilhamento de experiências e na comunicação corporal.

O mesmo corpo que é afirmado em academias, em clínicas de cirurgias plásticas e de estética, é negado. A afirmação e a negação são faces da mesma moeda. Ao trabalhar o corpo nas salas de musculação, sofre-se ao levantar peso, porém, vê-se a recompensa no delineamento da forma física. O mesmo acontece nas clínicas de cirurgias plásticas que cortam, que retiram os excessos de gordura do indivíduo, para inserir esse corpo em padrões de beleza. Eis o paradoxo do corpo: ele precisa ser negado, para ser reafirmado em um dado contexto social e cultural. Nas *raves* o fenômeno é o mesmo. O uso de tatuagens, *piercings* e alargadores nas orelhas, por parte da maioria dos jovens frequentadores das *raves*, traduzem um corpo juvenil utilizado como rascunho, matéria-prima, atravessado por aços e tintas. Fala-se de um corpo esticado, modelado, torcido, retalhado, furado. Alguns *ravers* têm seu corpo pendurado por ganchos subcutâneos como forma de busca ao êxtase. A dor vai funcionar como elemento de transcendência. O uso de drogas prejudica a saúde do corpo, em alguns momentos conduz à morte, porém, para os dançantes tais conseqüências são compensadas por uma multisensorialidade exacerbada que as drogas possibilitam. A dor provocada pelo atravessamento de aços no corpo e as conseqüências maléficas trazidas pelo uso de substâncias ilícitas demonstram a negação desse corpo, porém, o êxtase alcançado pela drogas e por um corpo pendurado, afirma o significado que o corpo assume nesse cenário. Afirmação e negação caminham juntas rumo a uma dialética do corpo na contemporaneidade.

O corpo humano é a sede das emoções. Por meio dele expressa-se o que se sente em um determinado momento, permitindo, em alguns casos, o alvorecer de um vínculo social com o outro no instante em que tais sentimentos são expostos. As emoções vão atuar no palco da subjetividade funcionando como um elemento que ajuda o indivíduo a sociabilizar-se com o outro.

As emoções, além de serem reflexos de reações fisiológicas do organismo, são edificadas culturalmente e socialmente, dentro de um determinado espaço simbólico. O homem edifica sua vida em sociedade por meio das relações sociais feitas durante sua existência. Tais relações são mediadas por intermédio da afetividade. Ela permite que o sujeito seja no mundo. Até as relações mais racionais envolvem a presença da



afetividade, como também as atitudes mais permeadas de emoção não excluem o *cogito*. O *homo sapiens demens* é composto por uma dupla hélice de razão e emoção. Ai se encontra a diferença primordial entre o homem e a máquina: o homem sente.

Os sentimentos traduzem uma pluralidade de gestos, sensações corporais e significados adquiridos culturalmente por meio das relações sociais. Eles são moldados pela cultura e pela sociedade interferindo diretamente na biologia e psicologia humana. Há uma vinculação entre a esfera da emoção e dos sentimentos, a emoção permite que o sentimento se cristalice em um dado momento com certa intensidade, tem-se como exemplo a alegria, a cólera, o desejo, a surpresa ou o medo. Por outro lado, os sentimentos, em algumas situações diminuem ou aumentam com o tempo, é o caso do amor, da raiva. Eles são estabelecidos durante o percurso da vida. De acordo com David Le Breton:

“A emoção preenche o horizonte, ela é breve e explícita em seus termos gestuais – mímicas, posturas e modificações fisiológicas. O sentimento instala a emoção no tempo, diluindo-a em uma sucessão de momentos conexos: ele implica uma variação de intensidade que resta, entretanto, numa mesma linha de significado.” (LE BRETON, 2009:113).

As emoções são, portanto, emanações sociais conectadas a circunstâncias morais e à sensibilidade do sujeito. Elas não são espontâneas, mas organizadas de forma ritualística. Elas são reconhecidas e expostas ao outro dentro de um cenário social e cultural. Possuidoras de um vocabulário e um discurso que lhes é inerente. Elas provêm da comunicação social. (LE BRETON, 2009).

Nas festas de música eletrônicas, as emoções cumprem uma função bastante valorativa dentro desse contexto. Elas cumprem o papel de conectar a massa dançante, potencializando os sentimentos, tornando os sujeitos mais abertos, mais solidários ao outro. As emoções e o corpo aparecem como um instrumento de comunicação com mundo. As batidas lancinantes que atravessam a pele dos indivíduos, simulando as batidas do coração; a multiplicidade de cores e o ato de dançar horas a fio possibilitam a formação de uma atmosfera de excitação corporal, o desenvolvimento de uma sociabilidade que usa o corpo e as emoções expelidas dele como o cimento de sua construção.

Expressões de sociabilidade em Natal

Com o objetivo de rastrear e compreender melhor a sociabilidade nas celebrações eletrônicas na cidade de Natal, foi utilizado como recorte empírico a pesquisa “Batidas



sem fim – corpo e sociabilidade nas festas de música eletrônica em Natal”⁶. A pesquisa tem por finalidade refletir sobre o significado do corpo dos participantes nas festas de música eletrônica, corpo este que é entendido enquanto signo comunicante que proporciona sociabilidade entre os dançantes. Partindo de uma abordagem transdisciplinar, o corpo é compreendido neste trabalho como uma instância simbólica, dotada de significações próprias, resultado e produtor do social e cruzamento entre o cultural e o biológico. O corpo é possuidor de um potencial comunicativo.

O corpo, nas festas de música eletrônica, é interpretado com base nos seus signos comunicantes: vestimenta, acessórios, movimentos do corpo, contato tátil, expressões corporais, interações entre o público/*dj* e *dj*/público e expressão das emoções. É por meio de tais signos que a comunicação corporal e o sentimento de comunhão entre os participantes ocasionam o desenvolvimento da sociabilidade dentro do local festivo e uma alteração no estado de humor dos dançantes.

A proposta metodológica que foi adotada nesse trabalho é plural. Foram usados vários artifícios metodológicos e diversas técnicas de investigação, para assim, obter uma compreensão mais abrangente do fenômeno em questão, qual seja, a função do corpo nas festas de música eletrônica, sua capacidade de comunicar e permitir a sociabilidade inserida em um contexto social e cultural. Esta pesquisa, de cunho qualitativo, fez uso das seguintes técnicas de investigação: combinação de três tipos de observação etnográfica: simples (o pesquisador é apenas um espectador, permanecendo alheio ao grupo), participante (o pesquisador interage com o grupo, coloca-se no lugar do ator) e sistemática (prevê a elaboração de um roteiro para a observação, contendo aspectos que devem ser observados), com o objetivo de inferir os sentidos dessas celebrações eletrônicas das (auto-) observações dos atores; técnicas de entrevista individual informal e registro fotográfico nos locais de fluxo, entrevista em profundidade e aplicação de 30 questionários aos frequentadores, escolhidos aleatoriamente; e uma análise sistemática dos dados colhidos.

A observação etnográfica ao aglutinar as três técnicas supracitadas, se tornará no que Massimo Canevacci denomina de observação observadora, que não é mais “participante” da ação, mas observa também a si própria como sujeito que observa o contexto. Uma espécie de meta-observação, em que sujeito da pesquisa faz parte da

⁶ A pesquisa está sendo desenvolvida na Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, como tema de mestrado do aluno Thiago Tavares das Neves, tendo como orientadora a professora Dr^a Josimey Costa da Silva.



própria observação, com um olhar oblíquo por todos os arranjos coletivos que configuram o ambiente visitado. (CANEVACCI, 2004). A análise dos questionários e das entrevistas informais ainda está sendo realizada, porém, já se pode chegar a algumas conclusões iniciais no que se diz respeito às observações realizadas nos locais de fluxo. Foram visitadas até agora duas casas noturnas: a Crystal Club e o Galpão 29, ambas localizadas na Rua Chile, no bairro histórico da Ribeira, na cidade de Natal. A Crystal Club foi visitada no dia da sua inauguração. Seu público é formado por homossexuais jovens de alto poder aquisitivo. A maioria dos jovens frequentadores eram do sexo masculino e estavam bem vestidos, com roupas de marca que desenhavam bem a forma física. Os presentes formavam grupos, dançavam, mas também conversavam. No início da festa os poucos que estavam sozinhos apenas observavam, trocando olhares com outras pessoas. No decorrer da festa, pôde-se perceber interação entre os participantes. Foi notada uma troca significativa de beijos, quase todos dançavam muito, a música eletrônica ajudava na interação, no momento em que ela aproximava determinados participantes para dançar juntos, alguns desciam dançando até chão com o parceiro. Quando o *dj* aumentava o volume da música, gritava-se e batia-se palmas. O *dj* desempenhava uma função especial na condução da energia entre os dançantes. Alguns presentes tiraram a camisa, com intuito de mostrar o corpo bem delineado em academias e despertar interesse no outro. A iluminação do ambiente, os *sky-papers*⁷, o próprio local favorecia à sociabilidade. O espaço *clean* e elitizado representava bem aquele público. O lugar falava por si só. Era notável no rosto das pessoas expressões que denotavam liberdade (alguns dançavam com olhos fechados e braços abertos), alegria, felicidade, outras se encontravam neutras, apenas uma pequena parcela. A comunicação era feita por meio da fala, olhares, beijos, abraços. Sinais como a roupa, acessórios ou o próprio comportamento, facilitavam a aproximação entre eles.

No Galpão 29, o público era mais diferenciado e heterogêneo. Contudo, em sua maioria homossexual. Foi notada a presença de diversos grupos: mauricinhos, *clubbers*, patricinhas, góticos, surfistas, *nerds*. As cores chamativas da roupa era algo bem expressivo, principalmente entre os *clubbers*. O ambiente, com uma proposta bem diferente da Crystal Club, era bem escuro, pouco iluminado internamente e com uma aparência antiga. Algumas paredes não eram rebocadas e possuía desenhos de disco voadores e vinis grudados na sua superfície. A interação no Galpão 29 era praticamente

⁷ Equipamento especializado em lançar papéis prateados, formando uma “chuva de prata”.



plena. Todos dançavam em sintonia, alguns grupos faziam coreografias e traziam muitos apitos. Sincronizavam os apitos com as batidas da música. O som dos apitos juntamente com as batidas do bumbo eletrônico parecia penetrar cada poro da epiderme dos dançantes. Havia uma conexão perfeita entre a música e a dança.

O corpo individual tornava-se coletivo, social. Havia uma anulação do caráter pessoal à interação homogênea. O indivíduo se perdia, no momento em que ele se anulava, e reencontrava naquele local uma parte de si mesmo, uma identificação com o outro por meio dos signos que o corpo transportava. O corpo coletivo, que era formado, denotava uma paixão, uma sensibilidade que raramente é demonstrada em qualquer um dos dançantes quando tratados isoladamente. As emoções e os sentimentos eram tornados comum nesse corpo social. Havia o surgimento de um Si global que evocava o consumo no instante vivido, os dançantes vibravam, tinham um *feeling*, “se entregavam” com outros, isto em função do gosto em comum.

Nesses locais visitados pôde-se perceber que a comunhão com o outro permitia uma experimentação de emoções, um compartilhamento e uma transformação de tais emoções em cimento de toda sociedade. Nas festas de música eletrônica, o sentimento de religação com o outro e com o mundo fundamenta o “estar-juntos”, criando um vínculo social, que funde o indivíduo ao húmus societal.

Bibliografia:

BETH, Hanno / PROSS, Harry. **Introducción a la ciencia de la comunicación**. Barcelona: Anthropos, 1990.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica – ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

_____. **Culturas eXtremas – mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CHIAVERINI, Tomás. **Festa infinita – o entorpecente mundo das raves**. São Paulo: Ediouro, 2009.

FRITZ, Jimi. **Rave culture – an insider’s overview**. Canada: SmallFry Press, 1999.

GILBERT, Jeremy; PEARSON, Ewan. **Discographies – dance music, culture and politics of sound**. New York: Routledge, 1999.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2005.



LE BRETON, David. **Adeus ao corpo – antropologia e sociedade**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

_____. **As paixões ordinárias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LE MOS, André; PALACIOS, Marcos. **Janelas do ciberespaço – comunicação e cibercultura**. Porto Alegre: Sulina. 2004.

MAFFESOLI, Michel. **A parte do diabo – resumo da subversão pós-moderna**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **A sombra de dioniso – contribuição a uma sociologia da orgia**. São Paulo: Zouk, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MONTAGU, Ashley. **Tocar – o significado humano da pele**. São Paulo: Summus, 1988.

MORIN, Edgar. **O método 2 – a vida da vida**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. **O método 5 – a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

REYNOLDS, Simon. **Generation Ecstasy – into the world of techno and rave culture**. New York: Routledge, 1999.

SIMMEL, Georg. **Estudios psicológicos y etnológicos sobre música**. Buenos Aires: Gorla, 2003.

_____. **Questões fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SOUZA, Cláudio Manoel Duarte de. **Sobre a cultura da música eletrônica e cibercultura**. Disponível em: <www.pragatecno.com.br>. Acesso em: 7 jan. 2009.